aurora obreira

desde 2010

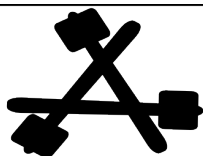
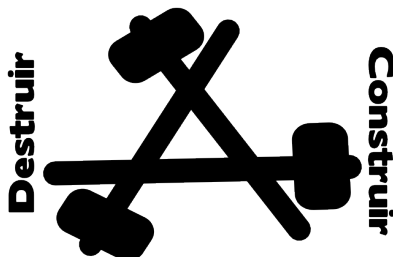
nº 83

anarkio.net

liberdade
autogestão
organização
federalismo

A anarquia nos orienta

aurora obreira

desde 2010

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo,sem partidos, sem religião, sem Estado.

Número 83 - Ano 7 - Fevereiro 2018.
Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, Associação das Trabalhadoras pela Base, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

EDITORIAL

Síntese do Anarquismo

Princípios Gerais do Anarquismo

Cremos que a maior parte dos males que afligem a Humanidade é devida à má organização social; e que os homens,por sua vontade e saber, podem fazê-los desaparecer.

A atual sociedade é o resultado das lutas seculares que os homens travaram entre si. Os homens desconheciam as vantagens que podiam resultar para todos, orientando-se pelas normas de cooperação e da solidariedade. Consideravam cada um de seus semelhantes (excetuados, quando muito membros de sua), um concorrente ou um inimigo. E procuravam monopolizar, cada qual para si, a maior quantidade possível de gozos, sem pensar nos interesses dos outros.

Naturalmente, nessa luta, os mais fortes e os mais espertos deveriam vencer, e de diversas maneiras, explorar e oprimir os vencidos.

Enquanto o homem não foi capaz de extrair da natureza senão o estritamente necessário à sua manutenção, os vencedores limitaram-se a pôr em fuga e massacrar vencidos para se apoderarem dos produtos silvestres, da caça, da pesca num dado território.

Em seguida, quando, com a criação do gado e com o aparecimento da agricultura, o homem souber produzir mais do que precisava para viver, os vencedores acharam mais cômodo reduzir os vencidos à escravidão e fazê-los trabalhar para eles.

Muito tempo após, tornou-se mais vantajoso, mais eficaz e mais seguro explorar o trabalho alheio, por outro sistema: conservar para si a propriedade exclusiva da terra e de todos os instrumentos de trabalho, e conceder liberdade aparente aos deserdados. Logo, estes

não tendo meios para viver, eram forçados a recorrer aos proprietários e a trabalhar para eles nas condições que os patrões lhes impunham.

Assim, pouco a pouco, a Humanidade tem evoluído através de uma rede complicada de lutas de toda espécie – invasões, guerras, rebeliões, repressões, concessões feitas e retomadas, associações dos vencidos unindo-se para a defesa e dos vencedores coligados para a ofensiva. O trabalho, porém, não conseguiu ainda a sua emancipação. No atual estado da sociedade, alguns grupos de homens monopolizam arbitrariamente a terra e todas as riquezas sociais, enquanto que a grande massa do povo, privada de tudo, é espezinhada e oprimida.

Conhecemos o estado de miséria em que se acham geralmente os trabalhadores, e conhecemos todos os males derivados dessa miséria: ignorância, crimes, prostituição, fraqueza física, abjeção moral e morte prematura.

Constatamos a existência de uma casta especial – o governo – que se acha de posse dos meios materiais de repressão e que se arroga a missão de legalizar e defender privilégios dos proprietários, contra as reivindicações dos proletários, pela prisão; e do governo contra a pretensão de outros governos, pela guerra. Detentor da força social, esse elemento utiliza-a em proveito próprio, criando privilégios permanentes e submetendo à sua supremacia até mesmo as classes proprietárias.

Enquanto isso, outra categoria especial – o clero – por meio de uma pregação mística sobre a vontade de Deus, a vida futura etc., consegue reduzir os oprimidos à condição de suportar docilmente a opressão. Esse clero, assim como o governo, além dos interesses dos proprietários prossegue na defesa dos privilégios.

Ao jugo espiritual do clero ajusta-se o de uma "cultura" oficial que é, em tudo quanto possa servir aos interesses dos dominadores, a negação mesma da ciência e da verdadeira cultura. Tudo isso fomenta o nacionalismo jacobino, os ódios de raças, as guerras – e as pazes armadas, por vezes mais desastrosas ainda que as próprias guerras. Tudo isso transforma o amor em tormento ou mercado vergonhoso. E, no fim de contas, reinarão o ódio mais ou menos disfarçado, a rivalidade, a suspeita entre todos os homens, a

incerteza e o medo de cada um em face de todos.

Os anarquistas querem mudar radicalmente este estado de coisas. E, pois que todos os males derivam da luta entre homens, da procura do bem-estar de cada um para si e contra todos os outros, querem os anarquistas remediar semelhantes sistema – substituindo o ódio pelo amor; a concorrência pela solidariedade; a presença exclusiva do bem-estar particular pela cooperação fraternal para o bem de todos; a opressão e o constrangimento pela liberdade; a mentira religiosa e pseudo-cientifica pela verdade. Em resumo, querem os anarquistas:

1º – A abolição da propriedade (capitalista ou estatal) da terra, das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho, para que ninguém tenha meios de explorar o trabalho dos outros e para que todos, assegurados os meios de produzir e de viver, sejam verdadeiramente independentes e possam associar-se livremente uns com os outros, no interesse comum e de conformidade com as afinidades e simpatias pessoais.

2º – Abolição do Estado e de qualquer poder que faça leis para impô-las aos outros; portanto, abolição de todos os órgãos governamentais e todos os elementos que lhe são próprios, bem como de toda e qualquer instituição dotada dos meios de constranger e de punir.

3º – Organização da vida social por iniciativa das associações livres e das livres federações de produtores e consumidores, criadas e modificadas conforme à vontade de seus componentes guiados pela ciência e pela experiência e libertos de toda obrigação que não se origine da necessidade natural, à qual todos de bom grado se submeterão quando lhe reconheçam o caráter inelutável.

4º – A todos serão garantidos os meios de vida, de desenvolvimento, de bem-estar, particularmente às crianças e a todos os que sejam incapazes de prover à própria subsistência.

5º – Guerra a todos os preconceitos religiosos e a todas mentiras, mesmo que se ocultem sob o manto da ciência. Instrução completa para todos, até aos graus mais elevados.

6º – Guerra ás rivalidades e aos prejuízos patrióticos. Abolição das fronteiras, confraternização de todos os povos.

7º – Libertação da família de todas as peias, de tal modo que ela

resulte da prática do amor, livre de toda influência estatal ou religiosa e da pressão econômica ou física.

Errico Malatesta – in Anarquismo, Roteiro da Libertação Social – Edgar Leuenroth, Editora Mundo Livre – 1963.

Digitado pela união anarquista Fenikso Nigra

Fevereiro

Antifascista

Jornadas Populares

Contra o racismo, xenofobia.

LGBTTfobia, lutamos!

COMUNA
ANARC@PUNK
AURORA NEGRA (SP)

LIGA

iniciativafa-bra@riseup.net
fenikso@riseup.net
liga-rj@riseup.net
revoltaap@gmail.com

www.i-f-a.org

Devem os anarquistas renunciar a palavra anarquia?

Há motivos para renunciar à palavra anarquia mal acreditada, para substituí-la por uma formula de confiança, mais "explícita", mais "construtiva", mais "sintética" etc, ajuntando às palavras socialismo, comunismo, sindicalismo ou outro qualquer ismo o termo libertário?

Por nossa parte, cremos que, se a palavra anarquia assusta, é precisamente porque esta palavra constitui uma audaciosa concepção revolucionária como solução atual, para os espíritos dispostos à preguiça mental e ao servilismo. Enquanto se apresenta como utopia, como devaneio para o espírito, forjando uma hipótese, a nossa doutrina conserva simpatias sorridentes, às vezes um pouco inquietas; mas, chegada a hora de ser posta em prática, os mais fanáticos defensores da idéia em palavras empalidecem ante sua

realização.

Falemos sem rodeios: a perspectiva de viver sem chefes, sem deuses, sem patrões e sem juizes, em plena responsabilidade de adultos emancipados, longe da paternal autoridade das leis, longe da imagem de um exemplo a seguir – é nisto, precisamente, e não em outra coisa, que devemos procurar a causa de todo temor, às vezes fascinante, que produz a palavra anarquia – e é, sem dúvida alguma, o infantilismo mental dos povos habituados a obedecer e ao uso religioso que faz da palavra anarquia – tão pouco agressiva no sentido etimológico (não-autoridade) – simbolo universal do caos sangrento, da desordem dos costumes, da negação de toda vida social. O problema não está, pois, nas palavras, e sim no fundo das coisas; para chegar à liberdade pela liberdade, necessário se torna achar um meio de fazer aceitar ao povo a idéia, a situação responsável da idade adulta, com todas as conseqüências.

A palavra liberdade, o objetivo libertário, enquanto, formulas gozam de uma acolhida favorável. É que elas não dão lugar a uma interpretação inocente e infantil: aquela liberalidade dos donos ou das leis, aquela da possessão das liberdades concedidas. A idéia apaziguadora da autorização, da concessão, da permissão, é um bálsamo para os corações débeis.

Quereis prestar-vos a êxitos fáceis de propaganda? Apresentai aos buscadores de felicidade e segurança (maioria natural de todos os auditórios) uma maquete de sociedade completamente feita de tons dourados, como uma jaula nova e bonita; depois, fazei-os admirar quão espaçosa e libertária é essa jaula: mostrai-lhes bem a alcova, o banheiro e todas as dependências destinadas a oferecer conforto e frivolidades. Podereis contar com os aplausos entusiásticos daqueles que desejam arrendar a bela jaula do futuro.

Mas, se convidais a cada um dos assistentes a dar-se ao trabalho de organizar por si a sua própria vida, fazendo – isto não seria mais que um pensamento – abstração de toda autoridade tutelar; se propusésseis ao vosso público, como programa, a defesa solidária e comum da autonomia de cada um; se insistísseis para compreender essa realização em um prazo determinado, não tardaríeis em ver as coisas sombrias.

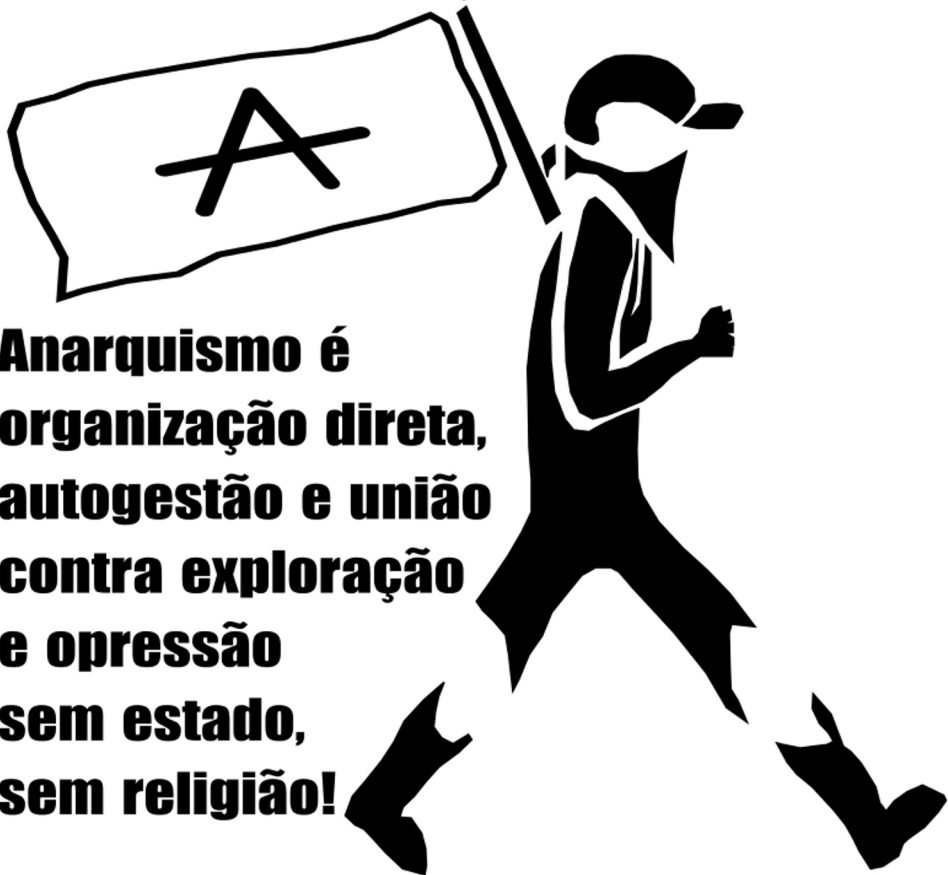
O problema está, pois, não em fazer amar as liberdades, mas em fazer amar a liberdade, o que não é a mesma coisa.

O problema está em fazer acreditar na liberdade integral, em fazer aceitar as responsabilidades de lutar por ela, desprezando todas conseqüências e riscos. O problema está em fazer aceitar a anarquia – compreendendo as dificuldades transitórias e o esforço que é preciso fazer para seguri adiante. O problema está em fazer aceitar e lutar por um mundo "sem amos nem senhores", como coisa preferível à "ordem" atual existente. Por isso, repetimos com Elise Reclus: "O dragão que está à porta da Anarquia nada tem de terrível: é uma palavra apenas!"

ACRACIA é outra designação de Anarquia, usada principalmente entre libertários de língua castelhana. Na imprensa anarquista da Espanha figuram assim intituladas. Em dicionários figura como neologismo, significando o mesmo que anarquia, ausência de autoridade. Do grego: A (Ausência) + Kratos (Força, Poder).

G. Cello

ANARQUIA É ORGANIZAÇÃO SEM PARTIDO, SEM PATRÃO!

Anarquismo é organização direta, autogestão e união contra exploração e opressão sem estado, sem religião!

NEM A DITADURA DO CAPITAL, NEM A DITADURA DO "PROLETARIADO"!

lobo@riseup.net
fenikso@riseup.net

Por que os anarquistas não aceitam a ação político-eleitoral?

Ainda há, mesmo entre pessoas letradas ou que se têm nessa conta, quem faça essa indagação. Destinando-se esse livro a conduta dos anarquistas, torna-se necessário falarmos, embora sumariamente, sobre as razões pelas quais os libertários não aceitam a ação parlamentar, abstendo-se, conseqüentemente, de votar para a escolha de representantes junto às várias casas legislativas, na base da política partidária. Para esse fim, são aproveitadas as considerações contidas na carta com que o autor desse livro se pronunciou sobre a apresentação de seu nome como candidato a deputado, por ocasião das eleições realizadas no começo de 1918, quando se encontrava preso na Casa de Detenção (então Cadeia Pública), processado como "autor psico-intelectual" da greve geral de 1917, que paralisou toda a vida produtiva de São Paulo:

"Não hesito em tomar publica a minha conseqüente resolução, já manifestada a amigos jundo às grades do carcere, de me opor terminantemente à apresentação de minha candidatura, lançada por amigos, talvez alheios à inteireza doutrinária dos princípios libertários, de seus métodos de ação e das normas de coerência a que necessariamente estão adstritos todos quantos os professam.

"Não posso, não devo e não quero aceitar a indicação de meu nome para candidato a deputado, embora isso seja feito como uma manifestação de protesto contra uma violência, de repulsa contra a iniqüidade com que, através da minha pessoa, se pretende ferir a classe trabalhadora, da qual sou obscuro militante.

“Como libertário, não aceito a ação parlamentar, que implica na delegação de poderes, o que constitui séria divergência doutrinária com o anarquismo. É em obediência a este sábio critério que os libertários, arrostando dificuldades sem conta, lutam incessantemente no sentido de conseguir que cada elemento do povo, libertando-se da mentalidade messiânica imperante, tornando-se senhor de si mesmo, constitua uma unidade ativa na vida social, agindo em causa própria no patrocínio dos interesses que, sendo seus, estão em harmonia com os da coletividade. Entendem os anarquistas, abroquelados em exemplos, de ontem e de hoje, que não seria decoroso contar com a votação de descontentes ocasionais das várias capelinhas políticas em desarmonia, e bem pouco numerosos seriam os homens animados de espírito liberal que, embora alheios à classe obreira, se sintam revoltados contra as injustiças com ela praticadas e, por isso, poderiam acorrer às urnas,conclui-se, logicamente, que o protesto teria resultado contraproducente.

“Vê-se, pois, mesmo sob este aspecto, a candidatura como protesto é desaconselhável. Tem-se tentado esse ato em outros países, é certo, mas em meios socialmente trabalhados a onde a parte dos socialistas concorde com o parlamentarismo se acha fortemente organizada.

“Necessário se torna, entretanto, dizer que embora os beneficiados por essas manifestações sui generis de protesto pertencessem aos seus, os anarquistas sempre se lhes opuseram, conservando-se fiéis aos seus princípios, abstendo-se, assim, de contribuir, embora de maneira indireta, para alimentar o povo a confiança em um instituição por eles condenada.

“Sou, portanto, conseqüente com a minha condição de libertário não querendo intervir nas próximas eleições. Os amigos autores dessa iniciativa, a cujos bons intuitos presto homenagem, estou certo, não me quererão mal por isso, pois que é justamente à firmeza com que me tenho esforçado para sustentar as minhas convicções que atribuo a sua confortadora manifestação de simpatia. E tão eloqüentes são as lições dos acontecimentos desenrolados neste excepcional momento histórico que os exemplos de épocas

anteriores são dispensáveis para que o ponto de vista libertários, evidenciando chocantemente o seu acerto, se imponha ao critério de quantos se preocupam com o problema da questão social.

"De fato, se das plagas lusitanas às estepes russas algo de valia se verifica contra a hediondez da guerra e os pruridos da tirania, isso tem partido da ação direta do povo oprimido e explorado em desespero. Em tão tremenda conjuntura, a ação parlamentar, quando deixa de ser inócua, passa a ser danosa ou contraproducente. Por que, por, reincidir numa experiência já eficientemente realizada, com resultados negativos, em meios que ofereciam todas as circunstâncias julgadas necessárias para o desejado bom êxito?

"Considerações sem conta poderia ainda aduzir em abono da minha maneira de encarar a ação parlamentar. Julgo-me porém dispensado de o fazer, por me parecer ter dito o suficiente para que se possa concordar ou, quando menos, respeitar a resolução por mim tomada de não aceitar a inclusão de meu nome na lista, já bastante longa, daqueles que, por ambição pessoal, por interesses subalternos da politicagem ou também, segundo alguns libertários, por um critério político-social, pretendem conseguir das poltronas do Parlamento o que só será conquistado pela ação decidida do povo, que, dos seringais da Amazônia às coxilhas sulinas, suporta o jugo de um regime revoltantemente opressivo.

"Nem por se tratar de uma votação de protesto poder-se-a desprezar a repulsa doutrinária do anarquismo à minha participação, como candidato, na eleição de 1º de março. Baseados na história e na experiência de muitas décadas de ação eleitoral, o que urge é intensificar a obra de educação social do povo, fazendo com que ele chegue a ter consciência dos seus direitos e adquira confiança na sua força para deixar de confiar a uns tantos indivíduos guindados às casas legislativas pelo seu voto ou pelos conchavos politiqueiros – indivíduos esses nem sempre bem intencionados e sempre sujeitos à corrupção imanente do fastígio do poder – aquilo que só ele, em luta perene, poderá e deverá conseguir.

"Seria ocioso, e mesmo foge aos limites desta carta, a

demonstração da inanidade e até da influência danosa exercida pela ficção parlamentar da luta popular para a conquista de mais elevados estágios sociais. A experiência é a grande mestra, e esta nos ensina que o Parlamento, instituição essencialmente burguesa, nunca agiu e jamais poderá agir em detrimento da vigente ordem de coisas, o que corresponde a nada fazer em proveito do povo e da causa pública.

"Qualquer melhoria na situação da plebe, por insignificante que seja, representa o resultado de sua própria ação exercida fora das esferas parlamentares. As resoluções dos chamados representantes populares só são efetivadas quando representam o reflexo das conquistas feitas pela pressão partida de baixo, do povo em movimento. De maneira diversa, os seus decretos e as suas leis têm sido e continuarão a ser meros farrapos de papel.

"Farta messe de exemplos poderia robustecer estas asserções. Sem termos em conta o que se passa entre nós, onde o Parlamento é essa coisa dispendiosa e improdutiva que todas as pessoas de bom senso reconhecem, não podemos desprezar os ensinamentos que nos vêm de países nos quais a vida parlamentar se desenvolve ao redor de partidos com programas políticos e sociais definidos e sujeitos ao influxo permanente da opinião pública, que aqui, desgraçadamente, por causa múltiplas, ainda não exerce a necessária influência".1

Em resumo: - Repudiamos o parlamentarismo e a ação eleitoral, não só pela razão teórica de ser o Parlamento uma instituição autoritária, incumbida de forjar leis obrigatórias, mas ainda por outros motivos teóricos e práticos. Eis alguns:

1º- A assembléia parlamentar é incompetente para decidir sobre qualquer dos assuntos da vida social. Um congresso de técnicos (médicos, engenheiros, sapateiros etc), discute com conhecimento de causa o que é de seu ofício; num Parlamento, cada ponto de vista, cara ramo de saber tem sempre para o tratar um minoria, sendo, no entanto, a maioria que decide.

2º- O seu poder limita-se a formular leis, sendo impotente para as fazer aplicar, quando porventura cheguem a contrariar os interesses das classes dominantes, dos proprietários, que têm nas suas mãos as autoridades, e os próprios favorecidos, seus

dependentes, por meios de salários.

3º- Ambiente burguês e politicamente dominado pelos interesses capitalistas e financeiros exerce uma inevitável corrupção sobre os que para lá entram, vindos do seio do povo trabalhador e animados das melhores intenções.

4º- Dispensa o povo de agir diretamente e entretém as impaciências populares tanto mais eficazmente quanto mais atroadores e "revolucionários" forem os discursos ali proferidos.

Quanto à ação eleitoral:

1º- Trata-se de obter número, e para isso fazem-se apenas vagas afirmações, esconde-se o ideal revolucionário e entra-se em combinações e intrigas.

2º- A ação eleitoral e parlamentar chama ao socialismo uma chusma de aventureiros da pequena burguesia, de profissionais da política e do intelectualismo, etc., que corrompem e desviam o movimento.

Querendo uma revolução profunda, verdadeiramente social, em que o povo espoliado e oprimido desaproprie o capitalismo e socialize os bens sociais; sabendo que essa revolução não pode ser decretada do alto, que nenhuma classe privilegiada se despoja de bom grado de seus privilégios, que a emancipação do povo há de ser obra dele próprio, como é lição da História, os anarquistas querem que o povo se habitue, desde já, a agir diretamente e a associar-se, sem confiar em criaturas providenciais, guias ou dirigentes, líderes ou messias, e sem delegar poderes a pretensos defensores ou protetores. 2

1-Edgar Leuenr

2-Ação Direta -

A DEFESA DA NOVA ORGANIZAÇÃO SOCIAL

O problema da defesa da organização socialista libertária foi posto diante de nós, anarquistas, pelos fatos da história atual, a reclamar uma solução. Ora, essa solução depende diretamente da que dermos ao problema correlato, qual seja o do início e da marcha da revolução. Aqui, o problema envolve uma questão de doutrina. Duas correntes disputam a solução: a autoritária, centralizadora, representada pelos sociais-democratas e pelos marxistas comunistas, e a libertária, autonomista, representada pelos anarquistas.

Até hoje, nas mais recentes revoluções, a corrente predominante tem sido a autoritária, e autoritários têm sido os processos para guiar e defender a revolução. A corrente libertária, anarquista, devido a circunstâncias históricas alheias à sua vontade, não tem podido execer a necessária influência. E isto se compreende facilmente, dado o limitado número de anarquistas em relação às multidões políticas e a morosa penetração das idéias nas massas em muitos países que, infelizmente, ainda possuem mentalidade muito afeita aos métodos autoritários.

Se nos movimentos de luta para a transformação social predominarem os métodos anarquistas, anárquicos serão os processos de luta, e anárquica será a organização de defesa. O

que caráteriza o anarquismo como sistema é a coerência lógica de suas finalidades com os meios empregados para realizá-las. Essa é a sua força.

Abandonar essa coerência é de antemão ser condenado à derrota; é ver o inimigo, a autoridade, surgir triunfante dentro das próprias fileiras.

Portanto, para os anarquistas, defender a revolução é manter o seu caráter anárquico, e, para mantê-lo, é logicamente necessário que esse caráter exista desde o início.

Como imprimir caráter anárquico à revolução? Antes de tudo, fazer o possível para que a luta se estabeleça simultaneamente por toda parte, mantida por grupos de revolucionários autônomos, capazes de realizar separadamente, sem esperar nenhuma orientação vinda de qualquer parte, todo objetivo da revolução.

Quando o fogo irrompe num só ponto, é fácil extingui-lo ou circunscrevê-lo; mas, quando surge de todos os lados, não há forças capazes de apagá-lo.

Diante de uma revolução verdadeiramente anárquica, a burguesia será impotente. Que poderá ela fazer quando as comunas autônomas surgirem por toda parte, tendo todos os seus habitantes armados e prontos a defendê-las?

O problema é sempre o mesmo: dividir, descentralizar a vida social, criando milhares de organismos vivos capazes de se defenderem de um inimigo visível — a burguesia — e de um inimigo invisível porém mais forte ainda porque está dentro de nós mesmos: a mentalidade autoritária.

VICTOR FRANCO

CONHEÇA

ENQUANTO AS PESSOAS EXPLORAM

Organiza

ENQUANTO

x x x x x x x x x x x x x x x

AS PESSOAS NOS OPRIMEM

x x x x x x x x x x x x x x x

LUTA

ENQUANTO AS PESSOAS NOS REPRIMEM

»»»»»»»»»»»» ««««««««««««

E ENTÃO *Viva* O QUE ELAS

Associação das Trabalhadoras pela Base

fórum geral anarquista

2018

LIGA

COMUNA ANARC@PUNK AURORA NEGRA (SP)

iniciativafa-bra@riseup.net
fenikso@riseup.net
liga-rj@riseup.net
revoltaap@gmail.com

Iniciativa Federalista Anarquista
associada a Internacional de Federações Anarquistas

www.i-f-a.org